

A construção da identidade docente do professor de música: reflexões a partir de relatos de três licenciandas

Comunicação

Hannah Tamires Lacerda Calero
Universidade Federal da Bahia
hannah.lacerda@ufba.com

Lilium do Dantas
Universidade Federal da Bahia
lilium.abilio@ufba.com

Rebeca de Oliveira Lima
Universidade Federal da Bahia
rebecaol@ufba.br

Mara Menezes Kroger
Universidade Federal da Bahia
Maramenezes@ufba.br

Resumo: Neste trabalho, as autoras compartilham suas experiências vivenciadas no Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório durante o primeiro semestre de 2023. Os relatos tem como fio condutor a construção da identidade do professor de música, que vai tomando forma no decorrer da prática docente. A sala de aula é vista como um espaço privilegiado onde a teoria se depara com a prática, oportunizando uma vivência fundamentada e experimentada. Os relatos são fruto de uma atuação crítica e reflexiva, que expõe as dúvidas, incertezas, inseguranças, expectativas, mas também expõe o processo de descoberta de si enquanto docente capaz de planejar e atuar em sala de aula com o objetivo de promover uma aprendizagem significativa. Neste processo, ressaltamos a importância das reuniões de formação e orientação, às discussões de textos da literatura, e trocas entre os estagiários. Com este trabalho, ressaltamos a importância do Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório enquanto *lócus* de experiência e de construção da identidade docente de licenciandos e licenciandas.

Palavras-chave: Identidade docente; Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório; Licenciatura em Música.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o processo de construção da identidade docente, a partir dos relatos de três alunas do curso de licenciatura em música da

Universidade Federal da Bahia, durante o Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório III, que no nosso curso se refere ao o primeiro semestre de regência de classe.

Testemunhar e fazer parte do percurso de licenciandos e licenciandas, da banca da prova de habilidade específica até à formatura, é uma experiência extremamente rica de sentidos. Ao presenciar o crescimento profissional e pessoal de cada um, os professores formadores, também são formados, pois é no encontro que as transformações acontecem. Concordando com Larrosa (2019), “não se escreve sobre a experiência, mas sim a partir dela. O mundo não é somente algo a partir do que falamos. É a partir daí, a partir do nosso ser-no-mundo, que temos algo para aprender, algo para dizer, algo para contar, algo para escrever (LARROSA, 2019, p. 23).

Ao compartilhar os relatos abaixo, esperamos contribuir com reflexões acerca do processo de “conhecimento na ação, a reflexão na ação e a reflexão sobre a ação” (SHÖN, 1992, p.05). Também chamamos a atenção para uma maior valorização da prática docente orientada nos cursos de licenciatura, “uma prática refletida, que lhes possibilite responder às situações novas, nas situações de incerteza e indefinição” (PIMENTA, 2002, p. 19, 20). Esta, pode acontecer em diversos momentos e em diferentes formatos (curricularização da extensão, atividades curriculares em comunidade, dentre outros).

Considerando o Estágio Supervisionado o ponto em que a prática acontece obrigatoriamente no currículo, em geral no terceiro semestre do curso, chamamos a atenção para a importância deste momento. Esta atividade precisa ser organizada de forma que a experiência seja significativa e que se cumpra todos os critérios definidos nas diretrizes nacionais curriculares para a formação inicial de professores (BRASIL/CNE, 2005, 2015, 2019).

O papel do estágio supervisionado na formação inicial

O estágio “é o ponto de partida da experiência de campo e em campo que permitirá ao licenciando experimentar a prática de ensinar e se comprometer com a profissão de ser professor” (MATEIRO, 2016, p. 17). É durante esta atividade que o mesmo irá vivenciar o contexto escolar em sua dimensão pedagógica, social, econômica, política e burocrática. Compreenderá que a atuação na sala de aula significa uma parcela importante do “ser educador”, mas não a única. Há que se desenvolver um olhar para além do conteúdo,

considerando também a relação com os professores, com a gestão, com os funcionários e com os responsáveis.

O estágio de observação participativa é imprescindível para que o licenciando conheça e se familiarize com o espaço escolar. Esse período é fundamental para a construção das relações com a equipe e para o conhecimento do funcionamento da instituição. As autoras deste trabalho vivenciaram um semestre de aulas nas turmas em que fariam o estágio de regência de classe, o que aconteceu no semestre seguinte. Isso proporcionou mais segurança e confiança durante o estágio. Independentemente do ponto de partida de cada um,

aprender a ser professor é um aprendizado complexo, cujo início se formaliza nos cursos de licenciatura, mas que precisa se estender por toda a vida, em formação contínua, pois a cada situação um novo e desconhecido caminho se projeta, pelos estudantes e demais atores envolvidos com o processo de ensino, que ressignificam os conteúdos e as relações. (SOUZA; PEREIRA; DUARTE, 2020, P. 01-02)

Durante o Estágio Supervisionado, o professor formador tem um papel fundamental. É ele que acompanha, instiga, incentiva, apoia e media o processo de construção das habilidades profissionais de cada estagiário. É uma relação especial, dialógica, que deve ser baseada na confiança e respeito mútuo.

O professor-orientador deve manter o foco na formação de alguém que deverá criar e provocar mudanças no contexto escolar, deve deixar o estagiário inovar, sentir, experimentar, porém trazê-lo sempre ao seu foco quando este desviar demais e saber aprender com isso, incorporar novas ideias, alterar as antigas e manter as que considera de valor para seguir orientando. (MATEIRO, NATERA e GATTINO, 2016, p. 180)

Para Schön (1992), a reflexão tem um papel central em toda ação docente. Para ele, as incertezas são parte natural deste processo e precisam ser expostas sem medo de ser considerado “incompetente”. É a partir delas que somos mobilizados para nos lançar em novas possibilidades de ser e de atuar no mundo e na sala de aula (SCHÖN, 1992, p.05).

E há algo mais incômodo ou mais marcante do que a confusão? Dizer numa sala de aula, Estou confuso, é o mesmo que dizer, Eu sou burro. Um professor reflexivo tem a tarefa de encorajar e reconhecer, e mesmo de dar valor à confusão dos seus alunos. Mas também faz parte das suas incumbências encorajar e dar valor à sua própria confusão. (SCHÖN, 1992, p.05)

Larrosa (2022), segue essa mesma direção quando afirma que “o sujeito da experiência é um sujeito ‘ex-posto’”. Ele não tem receio em admitir que não sabe, que tem dificuldade, que está com dúvidas (LARROSA, 2022, p. 26).

Do ponto de vista da experiência, o importante é nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre. (LARROSA, 2022, p. 26).

O reconhecimento da vulnerabilidade é o ponto de partida para uma mudança de perspectiva no sentido de arriscar, tentar fazer diferente, e se errar, tentar novamente. Essa persistência é necessária para o desenvolvimento da confiança em si e em suas potencialidades

Relatos de experiência de três licenciandas do curso de licenciatura em música

Os relatos abaixo são de três licenciandas (autoras), pertencentes à mesma turma de estágio supervisionado, realizado no semestre de 2023.1, e que teve como *lócus* de prática o projeto de Musicalização Infantil da Universidade Federal da Bahia.

Durante o semestre foram realizadas 16 aulas, uma por semana, e reuniões semanais de orientação docente com a professora formadora (também autora). Os encontros tiveram a duração de três horas/aula e incluíram as seguintes atividades: compartilhamento de relatos das aulas, planejamento de atividades e eventos do semestre, laboratório de atividades didáticas, correção de planos de aula, leituras e discussões de textos, dentre outros.

O compartilhamento dos relatos abaixo é fruto de um amadurecimento pessoal e profissional. O medo da exposição deu lugar à certeza de que o crescimento acontece a partir do reconhecimento das próprias fragilidades. Ao mesmo tempo, a trajetória única de cada uma pode inspirar licenciandos e professores.

Relato 01: Professora Rebeca

Imagine-se em uma colina e, ao olhar para baixo, avista um lugar incrível e bonito, uma passagem extraordinária. No entanto, há vários caminhos disponíveis para chegar lá, e você não sabe qual é o melhor a seguir. Foi exatamente assim que me senti no início, questionando a mim mesma várias vezes se conseguiria, por onde começar, o que deveria fazer. Surgiram dúvidas sobre se as crianças entenderam, se eu seria capaz. Nunca duvidei do meu desejo de atuar como professora, mas muitas vezes duvidei da minha capacidade.

O início frequentemente traz várias interrogações, que são respondidas ao longo do caminho. Algumas são respondidas no meio da jornada, enquanto outras apenas no final. Essas incertezas colocam à prova o quanto você está disposta a percorrer essa estrada.

Quando comecei a fazer parte do projeto de musicalização da extensão da Universidade Federal da Bahia como professora, fiquei extremamente feliz, pois senti que era a minha chance de dar o pontapé inicial. Até então, minha experiência em sala de aula tinha sido apenas com adolescentes, jovens, adultos e idosos, e estava ansiosa para trabalhar com bebês e crianças, uma faixa etária que sempre me encantou, mas com a qual ainda não tinha tido contato.

O projeto de musicalização surgiu como uma oportunidade de crescimento naquilo que sempre desejei: lecionar para bebês e crianças. Meu coração sempre esteve voltado para essa idade, mas a oportunidade ainda não havia surgido. Posso dizer que estou sempre disposta a tentar, e isso me ajuda a não desistir. Nesse início, o suporte da coordenadora foi essencial, pois ela me apoiou e orientou para que eu não me sentisse perdida. Fui guiada por alguém rumo a algo novo.

Comecei a dar aulas, e foi uma experiência enriquecedora, repleta de pensamentos e algumas conquistas ao perceber que estou evoluindo aos poucos. Participei ativamente e adquiri conhecimentos para as próximas aulas. Neste ano letivo de 2023.1, as aulas foram iniciadas no primeiro semestre na UFBA, onde estive como professora e aluna de estágio supervisionado III. Os encontros ocorreram presencialmente, com 10 alunos entre 2 e 3 anos de idade, às sextas-feiras, no turno vespertino, das 15h às 15h50, com duração de 50 minutos. Ao todo, ministrei 16 aulas na sala 105 do prédio principal da UFBA.

A turma me surpreendeu ao longo das aulas, tanto no desenvolvimento individual dos alunos quanto no meu próprio crescimento. No início, eles vinham para a sala com os responsáveis, mas percebi que ficavam agitados quando os pais estavam presentes. Decidi pedir aos responsáveis para esperarem do lado de fora, e isso fez com que as crianças se tornassem mais participativas e se desenvolvessem ainda mais. Foi gratificante ver cada aluno progredindo, seja no manuseio dos instrumentos ou na expressão na sala de aula. Mesmo quando algumas atividades não funcionavam como planejado, isso me ajudou a entender melhor a turma e a adaptar minhas abordagens. Esse processo de conhecimento é contínuo e emocionante.

Durante o tempo em que ministrei as aulas, muitas atividades se tornaram lembranças felizes e afetivas, desde as brincadeiras com baldes e colheres para criar ostinatos até as divertidas pausas em forma de estátua, que resultaram em crises de risos. As improvisações com os instrumentos, as canções cantadas e a associação das notas ao corpo também foram momentos memoráveis. No final de cada aula, as despedidas e os abraços construíram um vínculo importante para a harmonia das aulas.

Minha experiência como professora me fez crescer em confiança e habilidade, apesar das dúvidas iniciais. A sala de aula sempre me proporcionou um senso de pertencimento, onde as crianças se desenvolviam e se divertiam. O projeto de musicalização enriqueceu minha jornada, estimulando tanto meu crescimento como professora quanto o desenvolvimento das crianças na primeira infância. A troca de conhecimento era natural e satisfatória, e ver o progresso dos alunos me enchia de alegria.

No planejamento das aulas, considerava como os alunos receberiam as músicas e atividades, ajustando o nível de dificuldade conforme suas necessidades. Identificar e abordar as dificuldades dos alunos rapidamente era essencial para um fluxo suave das aulas. Manter uma boa relação com os pais também era importante para o diálogo e orientações sobre os alunos.

Apreendi a importância de manter uma estrutura constante nas aulas para que os alunos se sentissem confiantes em relação aos próximos passos. Lidar com desafios era parte do processo, e percebi que relaxar antes das aulas era essencial para um ambiente tranquilo e produtivo. Compreendi que a tensão e o nervosismo podem atrapalhar, especialmente no

início das aulas. Concordando com Schafer, " [...] uma aula deve ser uma hora de mil descobertas. Para que isso aconteça, professor e aluno devem em primeiro lugar se descobrir um ao outro". (SCHAFER, 1991, p. 277-278)

Esta citação ressalta um aspecto fundamental do ensino de música e, de fato, da educação como um todo: a importância do autoconhecimento tanto para o professor quanto para o aluno. O autoconhecimento desempenha um papel crucial na criação de um ambiente de ensino enriquecedor, onde tanto o professor quanto o aluno podem crescer, aprender e se desenvolver.

Compreender nossas próprias dificuldades, receios e pontos fortes é crucial para construir relacionamentos sólidos com os alunos. Isso cria um ambiente de ensino onde os alunos se sentem compreendidos e respeitados, facilitando o aprendizado. Ao sermos conscientes de nossos desafios, podemos ser sensíveis às diferentes formas de compreensão de cada aluno, estimulando a criatividade e melhorando o processo de ensino e aprendizado. Isso aumenta a confiança dos alunos e sua capacidade de se expressar, explorar, colaborar e aprender.

Nossa jornada de autoconhecimento como educadores nos capacita não apenas a transmitir conhecimento, mas também a inspirar nossos alunos a se tornarem aprendizes autônomos e confiantes. Em última análise, uma aula de música, assim como qualquer aula, se torna uma jornada de mil descobertas, onde o professor e o aluno exploram não apenas o mundo da música, mas também o mundo dentro de si mesmos, criando assim uma experiência educacional profundamente enriquecedora e transformadora.

Uma boa relação de amizade e comunicação com minha coordenadora e com as demais professoras do projeto foi essencial para trocas, orientações e apoio para que o funcionamento das aulas fosse mais tranquilo e harmonioso. Além disso, é crucial estabelecer uma relação de conforto com os alunos, para que haja uma troca reconfortante entre nós e para que cada um se sinta confiante em estar presente e em participar das atividades.

Acredito que cada passo, cada trajeto me aproxima cada vez mais de uma bela paisagem. Entendo que nessa jornada também existe um caminho encantador, repleto de expectativas e um desejo constante de aprender e aprimorar-me. Mesmo que, em algumas

ocasiões, possa parecer distante, lembro-me do quanto já avancei até agora, e minha tendência é chegar ainda mais perto.

Relato 02: Professora Hannah

Neste semestre, fiz parte novamente do curso de musicalização infantil. Anteriormente, eu havia atuado como professora assistente, e foi a minha primeira experiência com crianças nessa faixa etária. No semestre anterior, fiquei um pouco receosa com a forma de tratamento e abordagem pedagógica, mas observei atentamente minha colega, o que me ajudou muito como professora. Desta vez, fui designada como professora principal. Nesse sistema, sempre há duplas de professoras, e fiquei responsável pelo turno da manhã. Estava um pouco nervosa em assumir essas responsabilidades, pensando como iria lidar com o planejamento de aulas contínuas e concisas que atendessem a todas as crianças.

Fui responsável por três turmas de crianças de 0 a 6 anos, mas gostaria de relatar a experiência com a turma 2, composta por crianças de 5 e 6 anos, durante o meu estágio. A aula ocorreu na sala 105 da escola de música. Nessa primeira aula, os pais puderam participar junto com os filhos. Notei que as crianças que já haviam participado de musicalização estavam mais à vontade para chegar, sentar no tatame e explorar os instrumentos, enquanto os alunos novos estavam um pouco tímidos. Eu também estava nervosa para a primeira aula e ansiosa para conhecer os novos alunos.

Os alunos do semestre anterior já conheciam a rotina e o roteiro da aula, e já estavam familiarizados com isso. Eles chegavam, tiravam seus sapatos e iam para o tatame. Sabiam a hora de prestar atenção, a hora de guardar os instrumentos e até mesmo a hora de se despedir. Tive que trabalhar essas questões com os alunos novos, mas percebi que, por volta da quarta aula, todos já estavam bem adaptados. Essa turma também contava com alunos especiais, quatro deles com Transtorno do Espectro Autista. Sempre pensei com muito cuidado nas atividades, tentando incluí-los e proporcionar uma experiência positiva para eles.

Ao longo do semestre, a turma cresceu bastante. Ficava imensamente feliz ao vê-los cantando as canções que trabalhamos ao longo do semestre ou tocando uma melodia ou escala no metalofone. Cada vez que uma atividade dava certo ou quando percebia que eles estavam se divertindo, sentia uma alegria imensa e uma sensação de recompensa enorme.

Minha experiência nesse semestre de musicalização foi maravilhosa. Tive a oportunidade de vivenciar o trabalho com uma turma grande, o que, inicialmente, representou o desafio de lidar com várias crianças que necessitavam de atenção individualizada. Isso me levou a repensar e adaptar atividades de acordo com as necessidades de cada aluno. Além disso, o tema do semestre também foi desafiador, pois exigiu que eu pesquisasse e aprendesse músicas de diferentes regiões. Durante esse processo, criei um vínculo muito forte com as crianças e passei a prestar cada vez mais atenção em suas necessidades e características individuais.

Ao vivenciar diferentes métodos de ensino, pude conhecer novas abordagens pedagógicas, ampliando meu repertório de possibilidades. Em resumo, as experiências vividas em sala de aula foram de extrema importância para minha formação como professora, proporcionando uma compreensão mais profunda da individualidade de cada aluno.

Relato 03: : Professora Liliam

A realização do Estágio Supervisionado aconteceu na turma de 0 a 2 anos do Projeto de Musicalização da UFBA, toda sexta-feira, às 15 horas, com duração de 50 minutos de aula. Este relato tem como objetivo descrever algumas das experiências vividas durante o semestre em sala de aula, atuando de forma direta como professora de música e aplicando todos os conhecimentos adquiridos até o momento.

Ao mesmo tempo que me pareceu um grande desafio, e de fato foi, me senti empolgada com essa nova etapa da minha formação. Comecei o estágio com grandes expectativas de me desenvolver de forma prática como professora de música. À medida que surgiram as expectativas surgiram também os receios e questionamentos como: Será que vou me identificar com a sala de aula? Será que vou me identificar com a faixa etária? Terei desenvoltura para aplicar as atividades? Terei domínio de classe? Terei êxito como professora? dentre muitos outros questionamentos que tomaram conta antes da primeira aula. Ao longo das aulas que me proporcionaram vivências, essas perguntas foram se transformando em respostas e em certeza de que estou no caminho certo. Trago a seguir duas experiências que me trazem feedbacks de que as atividades surtiram efeito no desenvolvimento dos bebês em

vários aspectos como: capacidade de interação dos bebês nas aulas, com o ambiente e uns com os outros, livre expressão tanto do corpo como da fala/canto, coordenação motora.

Primeira experiência: No momento de experimentação e improvisação fiz duas atividades. A primeira foi com a música “Enrola”, coloquei a música no som e fiz os movimentos para as crianças repetirem, fiz movimentos grandes e pequenos cantando forte depois piano. Logo após entreguei um pedaço de tecido para cada um e refiz os movimentos. Ao final da atividade o aluno Joachim (de 1 ano e 07 meses) começou a cantar a música e continuou com os movimentos.

Segunda experiência: Passamos para o momento da criança e uma das mães pegou um pandeiro e começou a tocar capoeira, logo sua filha E. começou a jogar capoeira, sua amiga C. começou a acompanhar E. imitando os movimentos, e as duas ficaram interagindo entre si.

Aprofundando brevemente sobre tal experiência, quero destacar a importância de se conhecer os estágios de desenvolvimento de cada faixa etária para que possamos elaborar e aplicar atividades adequadas às mesmas. É importante também destacar a individualidade de cada criança nesse processo de aprendizagem, respeitando suas diferenças e capacidades intelectual. A faixa etária em questão (0 a 2 anos) é classificada, segundo Piaget, como estágio sensório-motor. Nessa fase os bebês dispõem de uma inteligência prática, onde a manipulação e percepção dos objetos concretos é fundamental para trabalhar tal inteligência. É neste estágio que há um aumento na capacidade sensorial e motora, desenvolvendo a percepção do próprio corpo e dos objetos.

Ao longo do caminho encontrei muitos desafios em mim e dentro da sala de aula, e pude superar e aprender com cada um deles. Passei por algumas situações em sala que me fizeram desanimar mas, em contrapartida, sempre tive o suporte da minha Orientadora de Estágio e da Coordenadora Pedagógica do projeto, que tiveram uma significativa importância nesse processo. Para essa etapa do processo exponho uma aula em que tive demandas trazidas por alguns pais referentes ao formato das aulas, o repertório e as atividades realizadas. Expliquei que o objetivo de cada momento da aula, e a fundamentação para isso. Tal situação reverberou por algumas semanas. Alguns pais pareciam não querer ouvir/entender e demandavam uma aula-espetáculo, com foco na recreação. Apesar de

inicialmente ter me causado um certo desânimo, esses acontecimentos me fizeram ter mais firmeza e segurança no trabalho que estava realizando.

Não posso deixar de citar como parte fundamental dessa experiência as reuniões semanais, conduzidas pela Coordenadora/Professora Mara Menezes, através das quais, eu e as outras participantes do projeto e da disciplina de estágio, apresentávamos nossos planejamentos de aula e fatos relevantes que aconteciam na mesma. Essa troca de experiências foi fundamental para que eu pudesse aprender muitas coisas novas, me fez perceber que passávamos por situações parecidas enquanto professoras de música.

Finalizo essa primeira etapa mais segura e confiante em relação às coisas que aprendi e pude colocar em prática. Dentre tais coisas cito: ampliação de repertório e atividades musicais, como construir um bom planejamento e colocá-lo em prática, a importância do estágio supervisionado, como conduzir e lidar com eventuais imprevistos em sala de aula, dentre outros.

Reflexões e Considerações finais

Nos relatos compartilhados, é possível notar que em diversos momentos as estagiárias foram assoladas por dúvidas e incertezas. É a partir deste lugar de desconforto que o aprendizado acontece, pois torna-se necessário mobilizar as habilidades no sentido de superar os desafios. Para Pimenta, “frente a situações novas que extrapolam a rotina, os profissionais criam, constroem novas soluções, novos caminhos, o que se dá por um processo de reflexão na ação” (PIMENTA, 2006, p. 20).

Segundo Larrosa (2022), o saber da experiência “se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece”. Para ele, uma mesma experiência é sentida de modo particular por cada um e é impossível ser repetida (LARROSA, 2022, p. 32).

Portanto, o conhecimento adquirido por meio da experiência está intrinsecamente ligado ao indivíduo específico em que ele se manifesta, dando importância de reconhecer e valorizar a subjetividade e a singularidade de cada indivíduo na construção do conhecimento. Ela nos lembra que não podemos generalizar ou aplicar uniformemente as experiências de

uma pessoa a todas as outras. Cada indivíduo possui uma perspectiva única e uma forma única de aprender e interpretar o mundo ao seu redor.

A experiência é o que me acontece e o que, ao me acontecer, me forma ou me transforma, me constitui, me faz como sou, marca minha maneira de ser, configura minha pessoa e minha personalidade. Por isso, o sujeito da formação não é o sujeito da educação ou da aprendizagem e sim o sujeito da experiência: a experiência é a que forma, a que nos faz como somos, a que transforma o que somos e o que converte em outra coisa. (KERTÉSZ, 1999 *apud* LARROSA 2022, p. 48).

Refletindo que a experiência tem um papel importantíssimo no processo de aprendizado de um indivíduo, ela é o que nos torna quem somos, pois é capaz de nos modificar e moldar em algo diferente. Compreender a importância da experiência na formação pessoal, equivale a reconhecer o processo de aprendizado e conhecimento que vai além dos processos formais da educação, envolvendo as vivências e os processos experimentados ao longo desse percurso da vida.

Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. *Esperando não se sabe o quê: o ofício de professor*. Tradução Cristina Antunes. 1ª. ed., 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

BONDÍA, Jorge Larrosa. *Tremores: escritos sobre a experiência*. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1. ed.; 6. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Superior. Resolução No 2, DE 8 DE MARÇO DE 2004. Aprova as **Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação** em Música e dá outras providências. Brasília, DF, 2004.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução No 2, DE 1o DE JULHO DE 2015. Define as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior* (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Brasília, DF, 2015.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP No 1 DE 02 DE JULHO DE 2019. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior* (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Brasília, DF, 2019a.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP No 2, DE 20 DE DEZEMBRO DE 2019. Define as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores* para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Brasília, DF, 2019b.

MATEIRO, Tereza. A prática de ensino na formação dos professores de música: aspectos da legislação brasileira. In: MATEIRO, Teresa; SOUZA, Jusamara (orgs.). *Práticas de ensinar música: legislação, planejamento, observação, registro, orientação, espaços de formação*. 3a ed., Porto Alegre: Sulina, 2014.

MATEIRO, Teresa, NATERA, Gislene, GATTINO, Gustavo. Estágio Curricular no Curso de Licenciatura em Música: Espaços, Dilemas, Relações e Desafios. In: LAWALL, Ivani Teresinha, CLEMENT, Luiz (Orgs.). *i cursos de licenciatura da UDESC*. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2016.

SOUZA, Cássia Virgínia Coelho de; PEREIRA, Débora Santos Porta Calefi; DUARTE, Karine Rayala Peres. A formação inicial e continuada da profissão docente de música: três experiências no Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório. In: *Anais do XIX Encontro Regional Sul da Associação Brasileira de Educação Musical*. ABEM, 2020.

PIMENTA, Selma Garrido. *Professor Reflexivo: construindo uma crítica*. In: PIMENTA, Selma Garrido e GHEDIN, Evandro, org. 2002. *Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. São Paulo: Cortez. 17-52.

SCHAFER, Murray. *O Ouvido Pensante*. São Paulo: Unesp, 1991.

SCHÖN, Donald. Alan. Formar professores como profissionais reflexivos. In: Nóvoa (org.) *Os professores e a sua formação*. Lisboa, Dom Quixote 1992.